



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Projecto de Investigação:

*Estudo das cerâmicas provenientes da Sondagem 3
do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga
dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros)*



Volume I

Relatório da Bolsa de Integração na Investigação, orientado pelo Prof. Doutor João
Carlos de Senna-Martinez

Débora Bettencourt, nº 36296
1º Ciclo de Arqueologia

Julho de 2010

Índice

Agradecimentos

Introdução	3
1. O sítio de habitat da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros).....	4
1.1 Localização e Ambiente	4
1.2 A descoberta do sitio e estratégias de intervenção.....	5
1.3 Estratigrafia	6
1.3.1 A Sondagem 3, historial de intervenção.....	6
2. O conjunto cerâmico.....	10
2.1. Metodologia.....	10
2.2 Os dados cerâmicos	13
2.2.1 Caracterização tipológica.....	14
2.2.1.1. A tabela morfológica.....	14
2.2.1.2. Os resultados da análise estatística.....	16
2.2.1.3. Os tipos de bordo.....	17
2.2.1.4. A relação forma / decoração.....	17
2.2.2. A caracterização tecnológica.....	18
2.2.3. As decorações	19
2.2.3.1. A localização da decoração.....	19
2.2.3.2 As técnicas.....	19
2.2.3.3 Os motivos.....	20
2.2.4 Bases	21
2.2.5 Os elementos de preensão	21
2.2.6 Outros.....	22
3. Considerações sobre o conjunto face à Sondagem 2.....	23
4. Reflexões Finais	25
5. Bibliografia	27
6. Execução Financeira.....	32

Agradecimentos

Quero expressar a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para que este projecto se tornasse uma realidade.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez, por me ter proposto a orientação científica deste trabalho, pela sua disponibilidade e acompanhamento, pela ajuda com a fotografia e respectivo tratamento, pelo esclarecimento de dúvidas e incentivo permanente. Agradeço ainda, e principalmente, o facto de ter acreditado em mim.

À Fundação Amadeu Dias e Universidade de Lisboa pela oportunidade e pelo incentivo oferecido, pois sem ele não seria possível concretizar este projecto e, assim, iniciar-me na investigação.

À Elsa Luís, mentora e amiga, a quem agradeço a cedência de bibliografia importante, sugestões metodológicas e revisões efectuadas a alguns capítulos deste estudo, as horas dispensadas na análise e revisão de pastas, assim como toda a força transmitida, todas as críticas e conselhos sem os quais não teria conseguido prosseguir com este trabalho.

À Liliana Anjos, a quem devo um agradecimento muito especial, e nunca comparado ao justo e devido, pela ajuda concedida a nível de toda a parte gráfica deste trabalho, mas sobretudo por todos os momentos que partilhamos na conquista do mesmo, nos quais me transmitiu força nos momentos de angústia fazendo-me acreditar que era possível.

À Daniela Matos pela amizade, pelas suas reflexões críticas e pelo incentivo incansável que tanto ajudou a manter-me empenhada.

Aos meus colegas e amigos, especialmente à Ana Viana, cujo apoio e ajuda no desenho de materiais se mostrou imprescindível, assim como à Andreia Santos, Bruno Rebelo, Carolina Rodrigues, Francisco Gomes, Jessica Reprezas, Nuno Sousa, Pedro Carvalho, Sérgio Mendes e Visha Dulabdas por nunca terem estado ausentes e pela amizade e o carinho que sempre me disponibilizaram.

À minha família, pelo orgulho com que sempre reagiram aos meus resultados académicos; pelo estímulo e apoio incondicional desde o início deste trabalho; pela compreensão e paciência com que me aturaram nos momentos de maior angústia e pelas palavras encorajadoras. Obrigado!

Introdução

Este trabalho consistiu no estudo das cerâmicas da Sondagem 3 do arqueosítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) que nasceu de um interesse pessoal da aluna pela Idade do Bronze peninsular, associado à proposta de estudo do conjunto que lhe foi dirigida pelo Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez, responsável pelo estudo/escavação deste sítio arqueológico.

Foi possível rever a totalidade de elementos cerâmicos recolhidos na Sondagem 3 do sector A do povoado da Fraga dos Corvos entre 2003 e 2006, seleccionando-se uma amostra de 186 fragmentos. Após a triagem inicial procedeu-se à respectiva reconstituição gráfica em desenho (sempre que possível) e análise tipológica de formas, pastas e decoração de modo a tornar possível a comparação desta amostra com o estudo dos materiais equivalentes de outra área deste sítio, a Sondagem 2 – desenvolvida no âmbito da respectiva tese de mestrado de Elsa Luís (2010). Desta comparação procurou-se retirar o maior número de informações possível, cruzando e interligando vários resultados estatísticos e considerações sobre os conjuntos.

O presente trabalho é estruturado da seguinte forma.

O primeiro capítulo incide directamente sobre o sítio da Fraga dos Corvos, caracterizando a sua localização e ambiente.

Em seguida refere-se em síntese aos trabalhos de campo efectuados neste sítio arqueológico: descoberta, estratégias de intervenção, estratigrafia.

O capítulo seguinte pretendeu matizar todo o trabalho analítico da amostra. Após terem sido nomeadas as opções metodológicas, tratou-se aqui de manusear os dados materialmente.

Os dois capítulos finais atendem aos resultados obtidos, e assim, no primeiro deles é exposta a comparação da sondagem em estudo com a Sondagem 2, enquanto o último capítulo exprime as conclusões daqui retiradas.

Este trabalho enquadra-se no âmbito do Projecto Terras Quentes, nos termos do protocolo assinado entre a Associação do mesmo nome, sediada em Macedo de Cavaleiros, a Câmara Municipal local e o Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa.

1. O sítio de habitat da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)

1.1. Localização e Ambiente

O sítio da Fraga dos Corvos localiza-se na vertente noroeste da Serra de Bornes, na elevação conhecida localmente como Monte do Vilar, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, sede da freguesia do mesmo nome, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude.

O cabeço da Fraga dos Corvos possui domínio visual sobre a bacia de Macedo de Cavaleiros e sobre as suas portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste e noroeste (Abreiro, Carrapatos, Vale Benfeito e Vimioso), conhecidas pelos importantes depósitos de alabardas aí descobertos (Bártholo, 1959).

O cabeço é delimitado a Noroeste por uma vertente íngreme onde se encontram vários abrigos. A Nor-Noroeste alarga-se uma plataforma em declive suave que estabelece a área designada como Sector A onde foi implantado um referencial ortogonal com o eixo dos y orientado segundo o norte magnético envolvendo uma área de 15m por 20m correspondente à parte norte do topo do cabeço.

A poente e nascente, o cabeço é limitado pelos vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, a ribeira de Vale de Nogueira e a Ribeirinha, respectivamente (Senna-Martinez, *et. alii.*, 2004).

1.2. A descoberta do sítio e estratégias de intervenção

1.2.1. A descoberta

A descoberta do arqueosítio da Fraga dos Corvos aconteceu em Agosto de 2003 na sequência de obras de desmatção no local, que expuseram vários fragmentos cerâmicos atribuíveis à 1.ª Idade do Bronze (Senna-Martinez *et. alii.*, 2005). O alerta dado pelo Mestre Carlos Mendes, presidente da Direcção da Associação Terras Quentes levou a uma primeira intervenção de diagnóstico no local, dirigida pelo Prof. Doutor João Carlos de Senna-Martinez, do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. Com isto pretendeu-se estimar o grau de preservação dos níveis arqueológicos e o seu potencial informativo. Foram então identificadas duas estratégias de ocupação que se reportam à Primeira Idade do Bronze: um habitat presumivelmente permanente no topo do cabeço (sector A) e, na vertente Noroeste, um conjunto de abrigos sob rocha (Senna-Martinez *et. alii.*, 2005).

Assim, desde 2003 sucedem-se anualmente campanhas de escavação, contabilizando, à data do presente trabalho, sete intervenções. Tal não seria executável sem o apoio da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e da *Associação 'Terras Quentes'* no âmbito da qual se desenvolve este projecto, nos termos do protocolo assinado entre as mesmas, sediadas em Macedo de Cavaleiros, e o Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa.

1.2.2 As estratégias de intervenção

Inicialmente foi preparado um levantamento topográfico da zona norte do cabeço, definindo assim a área do sector A, que permitiu a estruturação de uma quadrícula ortogonal com quadrados de 1x1, com o eixo dos y orientado ao norte magnético (Senna-Martinez, *et alii.*, 194). Face às condicionantes logísticas e uma vez que se verificava remeximento do terreno pela máquina que efectuara a lavra, foram designadas três áreas para implantação de sondagens como amostragem preparatória da área. A Sondagem 1, com 4 m², ocupando os quadrados em LM1/2, a Sondagem 2, com

6 m², ocupando os quadrados OP12/14 e a Sondagem 3, com 9 m², ocupando os quadrados UVX2'4' (Senna-Martinez *et alii.*, 2003).

A Sondagem 1 mostrou uma fraca potência estratigráfica (inferior a 7cm), enquanto as sondagens 2 e 3 evidenciaram a presença de diversos níveis de sedimento com presença de estruturas negativas (buracos de poste) e materiais arqueológicos referentes a um ambiente cultural da 1.ª Idade do Bronze, que levaram a crer que se estaria perante um sítio de habitat desse mesmo período. A precariedade destas estruturas e a sua vulnerabilidade perante uma possível destruição por parte de alguma intervenção agrícola, justificaram a premência da continuação dos trabalhos, assim como a necessidade do estabelecimento de uma estratégia que facilitasse e garantisse a entendimento da estratigrafia e dos contextos preservados.

Depois de sete campanhas de escavação a área intervencionada foi-se tornando mais ampla, 93m² na Sondagem 2 e 36m² na Sondagem 3, possibilitando uma melhor leitura em área e uma maior e melhor compreensão da estratigrafia.

1.3 Estratigrafia

Como já foi referido anteriormente, o conjunto artefactual aqui analisado é proveniente da Sondagem 3 do sítio arqueológico da Fraga dos Corvos. Posto isto, neste capítulo só irá ser considerada a estratigrafia desta sondagem, deixando os dados referentes à Sondagem 2 para consulta nas respectivas publicações (Senna-Martinez *et alii.*, 2004, 2005, 2006, 2007; Luís, 2010).

1.3.1 A Sondagem 3, historial de intervenção

Na primeira campanha de intervenção no sítio, em 2003, foram abertos 9m², ocupando os quadrados UVX2'4'. Assim como nas outras áreas, também nesta se confirmou a remoção da parte superior do solo numa potência entre os 10 e 20cm. Sob este nível revolvido da manta morta (U.E. [0]), encontrava-se uma camada de terras argilosas castanho avermelhadas escuras já de solo arqueológico. Uma vez retirada a U.E. [0] e iniciada a desmontagem da U.E. [2] (equivalente à U.E. [1] da Sondagem 2),

verificou-se a existência de diversas estruturas negativas que a atravessam. A U.E. [2] encontrava-se assim cortada por um conjunto de cinco buracos de poste [U.E.s 9, 11, 19, 21 e 23] que formavam um arco de elipse, fazendo com que se conclui-se que se estaria perante um fundo de uma estrutura de cariz habitacional, denominado de “cabana 2”.

Na campanha seguinte, em 2004, a área foi ampliada para 33m², quadrados T1/3 e UVX4’/6, permitindo completar o que faltava do ano anterior da planta da “cabana” 2 e identificou-se outra a norte desta, a “cabana” 4. A “cabana” 2 define-se por um conjunto de treze buracos de poste U.E.s [9, 11, 19, 21, 23, 26, 28, 34, 36, 38, 59, 61, e 63] que formam uma elipse. Aproximadamente ao centro, encontrava-se um buraco de poste de maiores dimensões comparado com os restantes, este conservava ainda diversos calços (U.E. [48]) e supostamente sustentaria a cobertura. Estas estruturas distinguiam-se pelos respectivos enchimentos de cor mais escura em comparação com a tonalidade das terras envolventes (U.E. [2]).

Já a “cabana” 4 é definida por um conjunto de vinte buracos de poste periféricos U.E.s [111, 113, 115, 117, 119, 121, 123, 125, 127, 129, 131, 133, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 147 e 149] claramente identificáveis a partir dos seus enchimentos U.E.s [112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148 e 150] de cor mais escura que as envolventes. Um grande buraco de poste central (U.E. [153]) sustentaria as respectivas coberturas.

Aproximadamente a meio do extremo sul da “cabana” 4 surgiu uma outra estrutura negativa (U.E. [57]) de planta elipsoidal com 88cm de diâmetro E-W por 77cm no sentido N-S e 14cm de profundidade máxima conservada. Demarcada por um círculo incompleto de pequenas pedras e preenchida por terras arenosas de tonalidade castanha escura (U.E. [58]). Na sua envolvência a Norte foram recolhido três “nódulos de redução” metálicos, identificados mais tarde, pelo Laboratório de Arqueometalurgia do ITN como tratando-se de Bronze Binários (Cu, Sn), um fragmento de cadinho com vestígios metálicos (Cu, Sn) e fragmentos de molde. Este conjunto de informação permite colocar a possibilidade da estrutura composta pelas U.E.s [57/58] constituir uma “caixa-de-areia” e da extremidade sul deste espaço ser interpretável como uma “área de fundição” (Senna-Martinez *et. alii.*, 2004).

Assim, esta segunda campanha preconizou uma aproximação mais concreta ao potencial estratigráfico desta área. Permitiu ainda perceber que toda a área da Sondagem 3 foi afectada pela erosão e ao mesmo tempo identificou-se uma sequência de camadas estratigráficas, cada uma abrangendo praticamente a totalidade de terreno aberto nessa altura. Deste modo, *“começava a revelar-se o que seria uma das principais características estratigráficas do sítio, ou seja, uma sequência de camadas muito extensas, algo heterogéneas, que se sobrepõem de forma regular, sem grandes desníveis ou oscilações. Estas características associadas a cotas semelhantes de detecção de buracos de poste e a pequenas áreas ligeiramente mais compactas nas camadas, possibilitam a hipótese de se estar perante de pisos de ocupação”* (Luís, 2010, p. 25).

A campanha 3, de 2005, marcou o fim da escavação na área da “cabana” 4 tendo sido efectuada, nesta altura, a desmontagem da totalidade do seu piso. Posto isto, foi possível verificar que para construí-la, o afloramento de xisto fora parcialmente rebaixado. A “caixa de areia”, correspondente ao quadrado V1, foi a última parte do piso da “cabana” 4 a ser desmontada. Sob o piso da “cabana” 4 (U.E. [2]) e na periferia oeste da grande laje de afloramento de xisto que lhe serve, parcialmente, de suporte (quadrados T1-3) surgiu uma nova realidade materializada numa camada estratigráfica (U.E. [110]) de terras castanho-escuras amareladas que, na periferia norte da Sondagem 2, já tinha sido detectada em 2004, o que significa que o piso da “cabana” 4 já não existia nessa área e apenas os buracos de poste permitiam discernir a totalidade da planta correspondente (Senna-Martinez *et. alii.*, 2005). Na U.E. [110] abriam-se três buracos de poste (U.E.s [180, 182 e 184]) de cor castanho-escura, esta estrutura foi designada como “cabana” 6 e aguardou-se pela intervenção do ano seguinte para saber para onde se prolongaria esta estrutura.

No ano seguinte, em 2006, aferindo aos dados obtidos com a desmontagem do piso da “cabana” 4 em 2005 e à identificação dos dois buracos de poste exteriores mas adjacentes a esta, decidiu-se alargar a área escavada na Sondagem 3 para incluir os quadrados RST1/2/3. Posteriormente à desmontagem da U.E. [0], verificou-se que outros dois buracos de poste (U.E.s [218 e 223]), localizados nos quadrados R3 e R1, limitavam, juntamente com os buracos de poste U.E.s [180 e 184], um espaço sub-quadrangular que, por sua vez, enquadrava uma estrutura negativa de planta irregular

(U.E. [221]) preenchida por terras argilosas avermelhadas, com uma grande quantidade de termoclastos incluindo três fragmentos de moldes, sendo um deles a tampa de um molde rectangular quase completa e fragmentos de escória. A “cabana” 4 e a “cabana” 6, que foi identificada como “alpendre”, afigurou ser uma área dedicada a actividades de fundição de bronze, em pequena escala, com uma fornalha/lareira exterior (sob alpendre), onde os cadinhos poderiam ser aquecidos, e uma caixa de areia no interior da “cabana” 4 onde os moldes poderiam ser preenchidos com metal em fusão (Senna-Martinez *et. alii.*, 2006).

A campanha de 2006 marcou o fim das intervenções na área da Sondagem 3 visto terem sido retiradas todas as camadas estratigráficas chegando ao afloramento de base.

2. O conjunto cerâmico

2.1. Metodologia

A base deste estudo é composta pela totalidade dos fragmentos cerâmicos classificáveis exumados no decorrer de intervenções arqueológicas efectuadas na Sondagem 3 do sítio arqueológico já mencionado. Para esse efeito são aqui analisados os bordos, bases, asas, carenas e fragmentos decorados; num total de 186 fragmentos. Todos estes fragmentos foram lavados, marcados e separados individualmente com a ficha descritiva correspondente (Sítio, Campanha, Sector, Unidade Estratigráfica, Quadrado, Coordenadas, Número de Inventário e Descrição) em trabalho de campo. Os materiais aqui tratados encontram-se depositados no Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a tutela do Investigador Responsável, Prof. Doutor João Carlos Senna-Martinez. Procurou-se também identificar fragmentos do mesmo recipiente e reconhecer colagens, de forma a constituir a amostra pelo número mínimo de indivíduos (NMI). O desenho e análise de pastas, já na fase do inventário, são igualmente indispensáveis para estabelecer o NMI.

O desenho afigura-se uma tarefa morosa mas imprescindível para um trabalho de investigação desta natureza, mostrando-se uma etapa bastante proveitosa para o investigador visto que ao ultrapassá-la, consegue-se chegar à indução de formas. Deste modo, todos os fragmentos que o possibilitaram e o justificaram foram desenhados pela aluna e uma pequena parte por outros actuais alunos de Licenciatura, a quem já houve oportunidade de expressar agradecimentos. Pretendeu-se proceder, sempre que possível, à elaboração de uma reconstituição gráfica dos recipientes.

No que diz respeito ao inventário, este deve ser compreendido como instrumento indispensável para organizar e tornar acessíveis e trabalháveis as informações de cariz tecnológico, morfológico e decorativo perceptíveis através de uma análise macroscópica dos fragmentos, materializando-se sob a forma de matriz de dados, em Excel, de maneira a auxiliar a disposição dos mesmos e o seu subsequente tratamento estatístico. Os critérios seguidos na composição desta matriz e o conjunto de campos considerados foram propostos pela Mestre Elsa Luís (Luís, 2010) e a Mestre Jessica Reprezas (Reprezas, 2010) que por sua vez se fundamentaram nas propostas apresentadas sobretudo por Senna-Martinez (1989, 1993b), mas também Raquel Vilaça (1995, p. 42-

55) e Séronie-Vivien (1982). Foram assim produzidas algumas alterações transversais ao presente trabalho, onde se criou uma matriz de mais fácil consulta, evitando-se uma lógica de tabela codificada, de leitura somente possível com amparo de uma legenda, particularmente através da colocação do descritor por extenso em vez de um código numérico, e da dispensa de algumas medidas e índices que constam na matriz original de Senna-Martinez (*idem*) por não ser igualmente justificável a sua utilização neste conjunto. Para este efeito são aqui considerados:

Identificação: Número de Inventário, Campanha, Unidade Estratigráfica, Quadrado, Coordenadas (X,Y,Z), Descrição.

Medidas: diâmetro interno máximo (D); diâmetro interno do bordo (dbo); diâmetro interno mínimo do colo ou gargalo (dm); diâmetro externo da base (dba); diâmetro exterior da carena (dc); altura total interna (H); índice de profundidade (Ip); espessura máxima das paredes (E); espessura máxima do lábio (el).

Bordo: perfil (redondo, direito, bisel simples externo, bisel simples interno, horizontal, espessado exteriormente, espessado interiormente) e orientação (direito, invertido, exvertido).

Base: perfil (plana, em *omphalus*). Dentro das bases planas, devido à sua diversidade, sentiu-se necessidade de considerar algumas subvariantes, a saber: em ângulo (quando a ligação entre a parede e a base forma um ângulo), aplanada (quando a ligação entre a parede e a base é curva), esbatida (quando a ligação entre a parede e a base forma quase um ângulo mas arredondado) e destacada (quando há uma espécie de rebordo, mais ou menos saliente, no lado exterior, na ligação entre a parede e a base).

Forma: para facilitar a comparação desta amostra com o estudo dos materiais equivalentes da outra área deste sítio (Sondagem 2) foi tida em consideração a tabela de formas construída por Elsa Luís (2010). Igualmente proveitosa foi a tabela síntese da Beira Alta (Senna-Martinez, 1989) por ser tão completa, possuir todas as formas, desde as simples às mais compostas, organizada com base em critérios geométricos (pois a sua base são as propostas de Ericson e Stickel, 1973, entre outros) e por seguir uma lógica

cronológica, em primeiro lugar vêm as formas tradicionais do Neolítico e do Calcolítico, de seguida, as formas novas, da primeira Idade do Bronze. Desta forma, com base nos moldes referidos, foi construída uma tabela de formas adequada a este conjunto, sendo por isso necessário em alguns casos criar novos subtipos formais, apresentados mais a frente.

Elementos de prensão: técnica de aplicação (cravagem, colagem) e perfil (dependente de cada elemento de prensão), (Séronie-Vivien, 1982, *apud* Luís, 2010, p. 37). Embora alguns destes fragmentos, nomeadamente os mamilos, possam por vezes ser compreendidos como elementos decorativos, aqui irão ser considerados com base na sua funcionalidade, como auxiliares de prensão, visto não possuírem uma evidente intenção estética.

Pasta: a análise da produção plástica dos recipientes limitou-se a uma observação macroscópica dos mesmos, dada a impossibilidade de acesso a outros meios, que, certamente, trariam importantes dados a este estudo. Para o efeito, foram considerados vários campos: caracterização dos elementos não plásticos, de que se regista aqui apenas a sua frequência (pouco frequentes, frequentes e muito frequentes) e o seu calibre (pequeno, médio e grande); observação da consistência (compacta e média), e da textura (homogénea, xistosa, arenosa, vacuolar) e registo do tipo de cozedura (predominantemente oxidante; predominantemente redutora; redutora com arrefecimento oxidante – Re/ox; oxidante com arrefecimento redutor – Ox/re; mista). Desta forma, a cor foi considerada unicamente como elemento indicador do tipo de cozedura, pois esta, como indica Vilaça (1995, p. 48), resulta de um conjunto de factores não deslindáveis pela mera análise visual. Os descritores considerados baseiam-se maioritariamente nas propostas de Elsa Luís (2010, p. 37-38) e de Senna-Martinez (1989, p. 225-228; 1993b, p. 118-122).

Tratamento de superfície: externo (alisado, alisado sobre engobe, *cepillo*, espatulado, brunido, brunido sobre engobe) e interno (alisado, alisado sobre engobe, *cepillo*, espatulado, brunido, brunido sobre engobe).

Este mostrou ser um dos campos mais problemáticos do inventário, na medida em que o estado de corrosão da superfície dos fragmentos impede uma observação fidedigna do

tratamento de superfície, portanto só foram classificados os fragmentos para os quais pudesse haver segurança na identificação.

Estado de conservação (corroído, regular e bom).

Decoração: interna, externa, no lábio. Cada uma delas subdividida em técnica e motivo. Para a técnica, e segundo Senna-Martinez (1989) e Vilaça (1995, p 50-51) *apud* Luís (2010): impressão (pente, punção lateral); incisão (punção; canelura); “boquique” (puncionamento arrastado); excisão; pintura; cordão plástico (colado, repuxado); decoração brunida. Já o motivo, pela sua variedade, será descrito um a um de forma a, em posterior análise, perceber as possíveis organizações decorativas em conjugação com as diferentes técnicas empregues.

As tintagens dos fragmentos foram elaboradas pela aluna, por Raquel Henriques e por Liliana Anjos.

2.2 Os dados da cerâmica

A cerâmica recolhida da Sondagem 3 constitui um conjunto de 186 fragmentos, como já foi dito anteriormente. Dentro deste universo de estudo foram seleccionados quatro grupos de amostragem segundo uma avaliação concreta para cada um deles. O grupo de maior volume constitui o Número Mínimo de Indivíduos (NMI), que preconiza todos os fragmentos que possuem indicação, de constituírem um recipiente através de reconstituição parcial/integral da forma, especificamente bordos, que neste caso formam a totalidade deste grupo. Este grupo é aquele que permitirá a obtenção de informações quanto às formas, às pastas e aos tratamentos de superfície. O conjunto dos fragmentos decorados, que é também aqui destacado, vai indicar tanto técnicas como motivos decorativos; já o conjunto das bases e dos elementos de preensão, que são elementos frequentemente impossíveis de associar a qualquer forma, contêm características a não desconsiderar.

Quanto ao NMI, foi elaborada a seguinte tabela, tendo em consideração a tabela construída Elsa Luís (2010) e que possibilita perceber a verdadeira disposição da amostra e a sua fiabilidade. Nela são apresentados o número de bordos com cálculo de

diâmetro interno (Ndb), o número de formas atribuídas (Nf) e o número de reconstituições integrais gráficas (Ri) possíveis.

NMI	Ndb	NF	Ri
122	67 (55%)	73 (60%)	8 (7%)

O cálculo do diâmetro do bordo anda nos 55%, a atribuição de formas chega aos 60% enquanto a reconstituição gráfica de formas completas está situada nos 7%. Estes resultados devem-se nitidamente ao elevado nível de fragmentação e rolamento dos recipientes/fragmentos da Sondagem 3, embora, em certa parte, também se devam à cautela e precaução em determinar a continuidade do bordo até à base, visto que na maioria dos casos tal se afigurou impossível. Mais de metade dos fragmentos, dos quais foi possível fazer uma reconstituição gráfica integral, são provenientes dos quadrados X, achados esses compreendidos entre as U.E.s [2] e [220], o que pode estar relacionado a uma menor intervenção da lavra naquela área, o que permitiria melhores condições de preservação dos fragmentos.

2.2.1 A caracterização tipológica

2.2.1.1 A tabela morfológica

A tipologia aqui apresentada resulta de um processo identificativo, tomando como ponto de partida a tabela tipológica elaborada por Elsa Luís na sua tese de mestrado (2010), assim como a tabela construída por Senna-Martinez na sua tese de doutoramento (1989). Como são recipientes produzidos manualmente, os tipos aqui apresentados procuram representar a ideia original de cada tipo de recipiente estabelecendo genericamente vários grupos formais, contudo, na prática, existem pequenas variações dentro do mesmo tipo, nomeadamente no que diz respeito ao tamanho e à forma do bordo.

Deste modo, foram considerados os seguintes tipos, assentes na respectiva tabela síntese apresentada no Anexo 2:

Forma 2: taças, que constituem recipientes abertos, pouco profundos (com índices de profundidade compreendidos entre 25 e 50), com volumes hemi-elipsoidais

ou em seguimento esférico. Foram identificados 5 subtipos: subtipo 2.2, taça funda; subtipo 2.3, taça hemi-elipsoidal; subtipo 2.4, taça hemi-elipsoidal funda; subtipo 2.5, taça em calote; subtipo 2.6, taça parabólica.

Forma 4: tigelas, recipientes abertos, profundos (índice de profundidade compreendido entre 51 e 70), com volumes hemi-elipsoidais ou parabolóides. Neste conjunto foram identificados 3 subtipos: subtipo 4.1, tigela hemi-elipsoidal; subtipo 4.2, tigela parabolóide. Ainda dentro deste tipo julgou-se necessária a individualização de 1 fragmento, ao qual se optou por designar de subtipo 4.6, tigela bicónica.

Forma 6: recipientes globulares, fechados, contando quase sempre com colo ou gargalo, de reconstituição problemática *“uma vez que os respectivos perfis compostos tornam difícil, quando não impossível, extrapolar a parte correspondente à base a partir de fragmentos apenas de bordo”* (Senna-Martinez, 1989, *apud* Luís, 2010, p. 42). Foram identificados 4 subtipos: subtipo 6.1, globular de colo vertical; subtipo 6.2, globular de colo baixo; subtipo 6.3, globular de colo troncocónico. Dentro deste subtipo julgou-se necessária a individualização de 1 fragmento, ao qual se atribui a designação de 6.3.2, por apresentar um colo mais curto e menos acentuado. Por último, o subtipo 6.4, um globular de colo estrangulado.

Forma 8: recipientes fechados, denominados esféricos achatados. No presente conjunto só foram identificados dois exemplares do subtipo 8.1.

Forma 13: vasos fundos, de tipo saco, de que apenas identificámos o subtipo 13.1, com paredes verticais.

Forma 22: taças de carena média / alta. Do subtipo 22.1, cujas formas são pouco fundas, com o colo ligeiramente fechado, alto e côncavo, só foi encontrado um exemplar. Na elaboração da tabela tipológica, tendo por base a proposta presente na tese de mestrado de Elsa Luís (2010), sentiu-se necessidade de criar um novo subtipo: 22.5, taça hemi-elipsoidal individualizada sobretudo pela sua forma quase carenada de perfil em S, de onde arranca uma parte recta, estreitando em direcção à base. Esta forma é muito próxima à forma 33.1, já dentro de tipologias do Bronze Final (Senna-Martinez, 1993, p. 99).

Foi ainda necessário criar outro subtipo para um exemplar. Assim o subtipo 22.6 individualiza-se por representar uma variante das taças de carena média, com lábio exvertido e pega ou asa sobre a carena.

Forma 23: taças de fundo esbatido, com uma base quase plana. No subtipo 23.1, o bordo é exvertido. Neste conjunto apenas foram encontrados dois exemplares.

Forma 26: vasos troncocónicos invertidos, volume de tronco de cone invertido, de base plana, fundos. Apesar de não se encontrar qualquer base para estes recipientes a morfologia do bordo e a direcção das paredes parecem indicar que se trata de troncocónicos. No subtipo 26.2, o único exemplar neste conjunto, apresenta uma pega mamilar. O subtipo 26.3, do qual apenas foram encontrados 2 fragmentos em associação, caracteriza-se por manter a forma geral do troncocónico mas sem elementos de preensão.

Além deste conjunto de formas, não deixa de ser importante realçar a grande variedade de bordos neste tipo de recipientes, sendo que, ao longo deste processo identificativo, se foi verificando a presença de bordos de colo estrangulado aos quais não foi possível determinar a forma, mas que constituem um grupo que não se pode ignorar. Esta variedade de bordos diferencia estes mesmos recipientes dos existentes nos mundos calcolíticos do norte de Portugal. Assim, foi tido em consideração o conjunto designado por Elsa Luís (2010) como Grupo B, onde se distinguem variantes de tipo de bordo e colo:

B1: bordo com colo bem marcado e estrangulado, fazendo com que sobressaia a exversão, com arranque de pança que, no seu desenvolvimento, não se deverá evidenciar muito em relação ao bordo.

B3: bordo com gargalo medianamente marcado.

B5: bordo com exversão acentuada, gargalo bem vincado, dando a ilusão de um bordo típico de um prato, muito aberto.

B6: bordo de colo vertical.

2.2.1.2 Os resultados da análise estatística

Nos gráficos 1 e 2 são apresentadas as frequências absolutas e as percentagens de cada forma. Um gráfico com os subtipos de cada forma não se considerou relevante estatisticamente, pelo que não foi elaborado.

As formas 8, 13, 22, 23, 26 apresentam-se com pouca representatividade no conjunto, sendo que cada uma delas não tem mais do que 4 fragmentos e ao todo representam apenas 17% da amostra. Importante será referir que, neste caso, lida-se

com excepções e não com recipientes de uso generalizado, caso contrário haveria uma maior quantidade de exemplares.

Os grupos maioritários são a forma 6 (42%) e grupo b (16%), substanciando uma preferência pelas formas globulares de colo estrangulado. Seguem-se as formas 2 (19%) e 4 (6%) que são formas tradicionais, como taças e tigelas. Restantes formas com baixíssimas percentagens. Contudo, não deixa de ser expectável que as cerâmicas de excepção se apresentem em quantidades inferiores visto serem mais raras.

2.2.1.3 Os tipos de bordo

Ao longo dos processos de desenho e inventário foi-se tornando clara a variedade de tipos de bordo no que toca ao perfil e orientação. Assim, e para dar a devida atenção a essa diversidade, foi organizada uma tabela geral de forma (tabela 1).

Atendendo ao panorama geral da tabela, é possível perceber que aqui dominam os bordos direitos, com 18%, seguidos de bordos exvertidos espessados exteriormente e exvertidos redondos, com 16% cada, e bordos direitos redondos, com 12%. O perfil direito (34%) e redondo (33%) e a orientação exvertida (44%) seguida da direita (42%) representam as marcas deste conjunto. Por outro lado, os bordos invertidos contabilizam 6%, enquanto no perfil, bordos biespessado, bisel simples externo e bisel simples interno constituem 1% do conjunto, cada um. Com percentagens igualmente baixas estão os bordos espessados interiormente e horizontais.

2.2.1.4 A relação forma / decoração

A amostra aqui trabalhada não contém um conjunto significativo de formas decoradas, de maneira a justificar uma representação gráfica, não obstante não deixa de ser relevante mencionar algumas situações de excepção.

É importante frisar o facto de aqui se trabalha dentro do NMI, obtendo uma percentagem de decoração relativa aos bordos e não para recipientes na sua totalidade, tornando-se assim impossível aferir a uma real frequência de decoração em cada forma.

Das evidências presentes no conjunto, os tipos que parecem ser escolhidos para decoração são as formas 2 (subtipo 2.5), 6 (subtipos 6.2, 6.3 e 6.4) e do grupo b (subtipo B6). Dentro das formas raras mas de elevado valor de marcador cronológico, marcam

aqui presença a forma 22 (subtipo 22.1 e 22.5), 23 (subtipo 23.1) e a forma troncocónica 26 (26.3).

À luz desta realidade, torna-se impossível perceber o impacto decorativo nas formas de fundo comum, nomeadamente taças e tigelas.

2.2.2 A caracterização tecnológica

Para estas considerações foi necessária uma análise da produção plástica dos recipientes, estabelecendo uma caracterização com base nos seguintes descritores: a consistência, a textura, a cozedura, os elementos não plásticos (frequência e calibre), as classes de espessuras (calculadas utilizando-se a espessura máxima (E)) e o estado de conservação dos fragmentos. Cada um destes descritores é apresentado em gráficos (Anexo 3). O tratamento de superfície é também aqui apresentado graficamente (Anexo 3), contudo esta é a característica com maiores dificuldades de identificação, o que se deve ao estado de conservação das superfícies não ser o melhor, logo, este não será um elemento totalmente seguro para a caracterização das pastas. Contudo, os dados obtidos serão também apresentados em percentagem.

Verifica-se o domínio das consistências compactas (com 99%) e texturas xistosas (84%), sendo que as consistências médias e texturas homogêneas e vacuolares têm pouca representatividade no conjunto. Quanto à cozedura, a maioria são predominantemente redutoras (44%), seguem-se as cozeduras predominantemente oxidantes (25%). As cozeduras oxidantes de arrefecimento redutor (Ox/re) são aqui minoritárias, andando à volta dos 3%. Os elementos não plásticos são na sua maioria frequentes (46%), embora a percentagem dos pouco frequentes não difira muito (37%). Referentemente ao calibre, os calibres pequenos são maioritários (78%). As medidas das espessuras encontram-se maioritariamente na classe dos 0,6 a 1cm, com cerca de 69% de ocorrências. Já no tratamento da superfície, o alisado sobre engobe nas duas faces do recipiente mostra-se dominante (sempre na ordem dos 60%), apresenta-se ainda, com percentagens não muito díspares, uma larga quantidade de fragmentos com alisado, seguindo-se os fragmentos com dificuldade de identificação que correspondem a 18% do conjunto. Com menor expressividade encontram-se outros cuidados de

superfície, tais como: o espatulado, o espatulado sobre engobe e o brunido, na ordem dos 3% ao todo.

O estado de conservação é a variável com percentagens mais próximas, onde são maioritários os fragmentos de conservação regular (48%), seguidos dos corroídos (37%) e os de bom estado de conservação (15%).

Examinando as linhas genéricas do inventário, adquiridas através da análise empírica e macroscópica das pastas, não se reconheceram grandes diferenciações entre as mesmas, isto aliado ao facto do conjunto ter poucos fragmentos com identificação de cada forma fez com que não se justificasse a elaboração de gráficos de pastas e tratamento de superfície por forma e sim gráficos gerais. A escassez de características diferenciadoras nas pastas dos recipientes permite pôr de lado a hipótese de daí se retirar informações sobre diferentes origens dentro do mesmo conjunto cerâmico.

2.2.3 As decorações

No total, foram contabilizados 26 fragmentos decorados, contudo para o NMI são contabilizados apenas 13. O gráfico 9 consubstancia a percentagem de decoração no conjunto, dentro do NMI.

A percentagem de decoração face aos não decorados é de 11%. No que diz respeito à percentagem de decoração dentro das formas identificadas é, como já foi referido anteriormente, única e exclusivamente relativa aos bordos e não a recipientes inteiros.

2.2.3.1 A localização da decoração

A amostra aqui em estudo apresenta decorações nos lados externo e interno do recipiente e no lábio. Não há qualquer vestígio de decorações em bases nem em elementos de prensão.

O gráfico 10 mostra as escolhas de localização da decoração nos recipientes. As preferências decorativas direccionam-se para o lado externo do recipiente, com 65%, seguindo-se as decorações no lábio que também ocupam um lugar de destaque com 22%. No gráfico 11 apresenta-se a expressão percentual das duas técnicas decorativas utilizadas no lábio do recipiente, sendo que a impressão se destaca com 71% enquanto a

incisão ocupa apenas 29% deste grupo. Contrariamente a estes resultados, encontram-se as combinações de decoração em mais que um local do recipiente e no lado interno do mesmo que são relativamente raras no total do conjunto e que não justificaram uma representação gráfica.

2.2.3.2 As técnicas

O gráfico 12 apresenta a percentagem de técnicas utilizadas na decoração.

Desde logo, a técnica que sobressai é a incisão, com 70%, seguindo-se a impressão, com 12%. Com pouca representatividade, encontram-se a combinação de técnicas, os cordões plásticos e excisão.

2.2.3.3 Os motivos

Para o efeito de uma melhor observação dos motivos decorativos, optou-se por elaborar uma tabela onde aparecem apenas motivos isolados. Não foi aqui possível aferir a casos de organizações decorativas mais complexas, sendo que se conta apenas com fragmentos de bojo/bordo de pequeno tamanho.

O conjunto dos motivos é ilustrado no Anexo 3.

1 – linhas paralelas incisas

2 - caneluras

3a – lado interior do recipiente, 2 linhas paralelas a pontilhado

3b – lábio, 2 linhas paralelas a pontilhado

4 – linhas paralelas a pente

5 – Provável parte de espiga a pontilhado

6a – lado externo, retícula

6b – lábio, retícula

7 – Sequência de incisões a punção sobre o bordo

8 – Sequência de incisões a punção sobre a carena

2.2.4 Bases

A abordagem específica às bases entende-se aqui como algo inevitável, na medida em que este conjunto é bastante representativo. Esta micro-análise é ainda mais relevante visto as bases planas serem uma das características marcantes da transição para a Idade do Bronze. Não é possível identificar o universo total das bases e apenas em alguns casos foi possível reconstituir graficamente as formas de bases não planas.

O conjunto aqui abordado constitui-se por 24 fragmentos. Todas as bases reconhecidas no conjunto são planas ou em *omphalos*.

Como se pode verificar nos gráficos 15 e 16, o conjunto é nitidamente dominado pelas bases planas, sendo que só existe um exemplar de base em *omphalos*.

Quanto às bases planas, no seguimento do trabalho desenvolvido para a sondagem 2 do mesmo sítio arqueológico (Luís, 2010), construi-se um conjunto de subtipos atendo à sua diversidade. Esta variedade traduz-se sobretudo na ligação entre a base e a parede do recipiente e este conjunto de variáveis está registado no gráfico 16. Em primeiro lugar realçam-se as percentagens das bases esbatidas (37%), nos restantes subtipos (aplanadas, destacadas e em ângulo) não há grandes discrepâncias percentuais, rondando todos eles os 20%.

Esta diversidade traduz claramente os dados significativos que daqui podemos retirar. Embora não se tenha acesso a recipientes completos, dentro da categoria de bases planas podemos extrair informações importantes. Através da variedade de acabamentos pode entender-se um grande domínio da técnica, o que por conseguinte permite a criação de diferentes, e em muitos casos, bem executados modelos. Neste sentido, e mesmo para os exemplares de mais fraca conservação, pode-se observar no caso das bases em ângulo, uma grande perfeição de ligação entre parede e base. Já no caso das destacadas é perceptível uma intenção estética adicionada ao recipiente. Posto isto, não parece descomedido afirmar “*a provável intencionalidade estética que subjaz a tal diversidade de bases planas*” (Luís, 2010, p. 62).

2.2.5 Os elementos de prensão

Este conjunto é constituído por apenas 5 fragmentos. Deste pequeno grupo constam uma asa, um arranque de asa, um mamilo e duas pegas mamilares. Em nenhum

destes exemplares se encontram evidências de decoração. Quanto ao estado de conservação, este é maioritariamente corroído.

Devido à fraca expressividade deste conjunto em termos estatísticos ou percentuais, será simplesmente feita uma curta referência às técnicas de prensão e ao perfil dos fragmentos.

Referentemente ao perfil, identificou-se um mamilo de botão cónico, uma asa de fita e duas pegas mamilares em cordão, sendo que o arranque de asa foi impossível de qualificar.

Estes componentes foram adicionados aos recipientes através das técnicas de cravagem ou repuxamento da pasta.

Somente um exemplar de pega mamilar permitiu a atribuição de forma devido à conservação de parte do bordo, sendo este pertencente a um troncocónico (subtipo 26.2).

2.2.6 Outros

Nesta categoria decidiu-se incluir dois exemplares cerâmicos considerados de excepção no conjunto: um cossoiro e um possível fragmento de colher.

O cossoiro nº 1000 (Estampa IV), segundo a tipologia apresentada por M. Silva e P. Oliveira (1999, p.652), insere-se no tipo Bulbosos de subtipo achatado. Este tipo de exemplar seria utilizado na técnica de fiação em fuso e podem apresentar várias morfologias e tamanhos. Estes materiais constituem fortes indicadores de possível tecelagem local num sítio arqueológico, contudo, com as informações daqui retiradas é impossível conjecturar uma produção local de tecidos, sem que a possamos caracterizar em termos quantitativos, qualitativos e representativos.

O fragmento nº 1059 (Estampa IV), assemelha-se a uma colher cerâmica proveniente do monumento da Orca do Rio Torto, concelho de Gouveia, datado da primeira Idade do Bronze, caracterizada como colherão hemi-elipsoidal, com pega subcónica e oblíqua (Senna-Martinez, 1989, p. 441). Este fragmento preconiza algo inédito no sítio. Pode ter tido uma multiplicidade de funções que hoje dificilmente podemos perceber. Deixa-se apenas a hipótese de ter sido destinada a actividades domésticas ou até metalúrgicas, o que só se conseguirá perceber através de análises químicas.

3. Considerações sobre o conjunto face à Sondagem2

Neste capítulo procurou-se atentar às semelhanças e dissemelhanças entre os resultados obtidos na Sondagem2 (Elsa, 2010) e os do presente estudo. Mostra-se importante salientar que as diferenças resultantes da análise destes dois contextos poderão igualmente estar relacionadas com a diferença de dimensão do acervo cerâmico e do próprio tamanho da área intervencionada.

Existe em ambas as sondagens uma tendência para a homogeneidade técnica dos recipientes, sendo que a consistência mostra-se maioritariamente compacta, a textura é quase sempre xistosa e os elementos não plásticos são normalmente pequenos ou médios. O tipo de cozedura é, para as duas sondagens, a característica com maior variabilidade no que diz respeito às pastas, apresentando uma maioria de cozeduras redutoras, seguidas de oxidantes e com uma pequena percentagem de mistas.

A análise de materiais da Sondagem 3, no que toca à capacidade técnica da época, corrobora o já concluído para a Sondagem 2, na medida em que é possível comprovar que a maioria dos recipientes apresenta uma uniformidade na qualidade dos processos técnicos, destacando-se um aperfeiçoamento no fabrico. Embora os fragmentos das duas sondagens sofram de um fraco estado de conservação, não deixa de ser evidente, mesmo em moldes empíricos, o cuidado na elaboração dos recipientes, onde não se denotam grandes irregularidades e sim pastas bem cuidadas e de relativamente boa qualidade. Os acabamentos de superfície são, em ambos os contextos, frequentes e com algumas variações. Nas duas sondagens predominam os alisados, embora na Sondagem 2 haja uma maior variabilidade de acabamentos. É importante ter em atenção que, também aqui, as débeis condições de preservação impossibilitam aferir a um maior leque de tratamentos de superfície.

Assim, os dois conjuntos são pautados pela uniformidade de fabricos e por processos de elaboração muito sistematizados.

A diversidade de bordos e bases dos recipientes constitui uma das características mais marcantes deste sítio, assim como o presente estudo veio também corroborar. Quanto às formas, a sua diversidade consiste numa assinatura do sítio arqueológico aqui em estudo, e tal não deixa de ser expressivo também na Sondagem3, atendendo ao facto da sua amostra ser em tão menor número da amostra.

As formas com maior expressividade em ambos os conjuntos são as formas 2, 4, 6 e grupo b. Estes últimos integram as formas abertas (taças e tigelas), e as formas fechadas (esféricos e globulares), sendo que o grupo b poderá englobar recipientes variados. Nas duas sondagens as formas fechadas, nomeadamente os globulares, encontram-se sempre com percentagens muito mais elevadas que as restantes. Ergue-se assim o quadro de referência para a caracterização dos conjuntos cerâmicos deste sítio arqueológico, que traça as linhas orientadoras desta amostra: as formas tradicionais (taças, tigelas e globulares), que são indicadas para preparação e consumo de alimentos nos dois primeiros casos, e quanto ao último caso estes recipientes são *“tradicionalmente associados à contenção de líquidos (ainda que não exclusivamente), como contentores de pequena e média capacidade, levando-nos a equacionar uma armazenagem possivelmente de cozinha ou utilização como recipiente de transporte”* (Luís, 2010, p. 46); e as formas inovadoras (taças carenadas e de perfil em S, troncocónicos e generalização das bases planas), que pertencem, em conjunto, aos repertórios cerâmicos sempre associados a inícios da Idade do Bronze e a rupturas com modelos culturais anteriores.

A ampla generalização das bases planas é, como já foi mencionado, um grande marcador de ruptura com modelos tradicionais. Estas bases encontram-se com grande expressividade e variabilidade nas duas sondagens e aparecem noutros contextos escavados para a primeira Idade do Bronze, como é o caso da Sola (Bettencourt, 2000, p. 52 e 54), na Fraga da Pena (Valera, 2007, p. 234) e Castelo Velho (Valera, 2000, p. 22). Segundo a bibliografia consultada não se encontrou nenhum caso de identificação e atribuição de vários subtipos de bases planas, como aqui aconteceu.

Os elementos de prensão da Sondagem3 são pouco significativos (5 fragmentos) para permitirem uma comparação com os 40 fragmentos contabilizados para a Sondagem2.

Quanto à decoração, mostra-se pouco representativa tanto numa sondagem como na outra. O conjunto da Sondagem 2, à semelhança do da Sondagem 3, é dominado pela técnica de incisão e impressão. Quanto às restantes técnicas (decoração plásticas e excisão) têm pouca representatividade, sendo que no caso da excisão só se tenha encontrado um fragmento para cada sondagem. Já o “boquique” e o brunimento, são técnicas que se encontram completamente ausentes na sondagem em estudo, contrariamente ao que acontece na Sondagem 2. Esta recorrente perda de

representatividade decorativa típica dos contextos Calcolíticos, reflecte bem o emergir da primeira Idade do Bronze.

A relação da decoração com as formas identificadas mostra-se pouco representativa nestes dois conjuntos. Assim, a escolha de recipientes a decorar reflecte-se preferencialmente nas, já referidas, formas novas que marcam um recente ambiente cultural e nos recipientes mais tradicionais.

Tal como na Sondagem2, também aqui se podem verificar três tipos de decoração: de tradição cogeces/cogotas; de tradição campaniforme e outros tipos. Na cerâmica decorada de tradição cogeces encontram-se motivos normalmente em bandas simples sob o bordo ou sobre a carena, e estão associados a formas carenadas ou a recipientes de perfil em S e tigelas (Abarquero Moras, 2005). À luz desta realidade, os elementos como as espigas e os reticulados vão constituir a maior parte dos motivos decorativos da Sondagem 2, tornando-se difícil de perceber a ausência de qualquer decoração de espigas incisas na Sondagem 3 (apenas um exemplar, demasiado fragmentado para ser perceptível, contém um elemento decorativo que faz lembrar as espigas (motivo 5). Os recipientes típicos do mundo cogeces estão aqui representados nas formas 20 e 23, no universo decorativo a tendência cogeces/proto-cogotas não encontra uma grande expressão.

No que toca à cerâmica de tradição campaniforme, tanto na Sondagem 2 como na 3, não podemos associar morfologicamente nenhum recipiente do conjunto aos conhecidos desta tipologia. Neste campo vão-se apenas destacar os pontilhados de bandas horizontais, quer com a utilização de punção ou a pente (motivos 3 e 4) que relembram técnicas decorativas deste complexo cultural tão expressivo. Estas duas influências externas vão funcionar numa lógica de construção própria.

4. Reflexões Finais

A importância deste sítio de habitat e a necessidade da sua compreensão geral, resulta de o mesmo ser – conjuntamente com o habitat da Sola, Braga – um dos dois sítios portugueses com evidências mais antigas de produção de ligas de bronze. À luz desta realidade, e sendo a Sondagem 3 uma área que revelou produção metalúrgica,

tornou-se indispensável relacionar esta mesma área com a Sondagem 2 e tentar perceber se teria havido uma ocupação simultânea. Através deste estudo, foi permitido perceber que as fortes evidências de produção metalúrgica presentes na Sondagem 3 podem, com alguma segurança ser relativamente contemporâneas das mesmas encontradas na Sondagem 2.

A análise pormenorizada dos materiais cerâmicos provenientes da Sondagem 3 em comparação com os da Sondagem 2 do sítio arqueológico da Fraga dos Corvos permitiu perceber, que para além de algumas diferenças percentuais, que podem ser justificadas pela diferença do tamanho da amostra, não existem disparidades realmente significativas para que se possa separá-las cultural e temporalmente. Estes resultados vêm então corroborar a existência de uma ocupação simultânea para as duas sondagens do sítio.

Em forma de conclusão, pode dizer-se que a análise de cerâmica é aqui entendida como um estudo intrincado e a diversidade de problemáticas que daí podem advir, faz com que o registo seja obrigatoriamente minucioso e exacto, visando uma melhor preservação de informação. Esta será consultada por outros investigadores que não o inventariante, daí a importância de considerar um leque tão alargado quanto possível de informação

Lisboa e FLUL, Julho de 2010

(Débora Bettencourt)

Prof. Doutor João Carlos Senna Martinez

5. Bibliografia

ABARQUERO MORAS, F. J. (2005) – *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.

BARKER, P. (2003) – *Techniques of Archaeological Excavation*. London: Routledge.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000a) - *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Ed. Cadernos de Arqueologia. Monografias - 9, Braga.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000b) - O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico - culturais, Pré-História Recente da Península Ibérica, *IIIº Congresso Peninsular de Arqueologia*, ADECAP, Porto, p. 79–93.

BETTENCOURT, A. M. S.; SANCHES, M. J. (1998) – Algumas questões sobre a Idade do Bronze do noroeste de Portugal. R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze na Galicia. Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos, p. 13 – 45.

CASTRO DE DELIBES, G. F.-M., (1986-87) – Aproximación a la Cronologia del Grupo Cogotas I, *Zephyrus*, nº 39-40, p.17 – 30

CASTRO DE DELIBES, G. F., F.M.; RODRIGUEZ MARCOS, A., (1991) – *Cerâmica de la Plenitud Cogotas I: el Yacimiento de San Roman de Hornija (Valladolid)*, BSAA, vol.56, p. 64-105

CRUZ, M. D.; CORREIA, V. H. (2007) – *Normas de Inventário: Cerâmica Utilitária, Arqueologia*. Instituto dos Museus e da Conservação.

DELIBES DE CASTRO, G., (1989) - Calcolítico y Vaso Campaniforme en el Noroeste Peninsular, BSAA

SANCHES, M. J., (1981) – Recipientes Cerâmicos da Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, vol.3, p. 88 – 98

ERICSON, J.; STICKL, G. (1973) – A Proposed Classification System for Ceramics. *World Archaeology*, 4(3), p. 57-67.

GUARINELLO, N. L. (2005) – Archaeology and the Meanings of Material Culture. FUNARI, P. P.; ZARAKÍN, A.; STOVEL, E. (eds.). *Global Archaeological Theory. Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. Kluwer Academic/ Plenum Publishers

HARRIS, E. (1991) – *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

JORGE, S. O. (1983-1984) – Aspectos da Evolução Pré-Histórica do Norte de Portugal durante o IIIº e o IIº Milénios a. C. *Portugália, Revista do Departamento de Ciência e Tecnologia do Património da FLUP*, 04-05, p. 97-110.

JORGE, S. O. (1985) – Povoados da Pré-História Recente do Norte de Portugal (IIIº e começos do IIº milénios a. C.): Resultados e problemas das escavações dos últimos anos. *Revista da Faculdade de Letras: História*, 2, Porto: Universidade do Porto, p. 297-308.

JORGE, S. O. (1991) – Idade do Bronze: Apontamentos sobre a Natureza dos Dados Arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras, História*, série II, 8, p. 385-392.

JORGE, S. O. (1995) – Introdução. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 16-20.

JORGE, S. O. (1998) – Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do “registo arqueológico”, *Arqueologia: percursos e interrogações*, Porto: ADECAP, p. 151-172

LUIS, E. (2010) – A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto cerâmico da Sondagem 2 do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

PEREIRA, L. (1999) – *As Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

SENNA-MARTÍNEZ, J. C. (1985) – Contribuição Para Uma Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Olaria da Idade do Bronze. *Clio Arqueologia*, 1. Lisboa. p. 105-138.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993a) – A Ocupação do Bronze Pleno da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, p. 55-77

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993b) – O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, p. 93-123

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2002) – Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. *Arqueologia e História*, 54, p. 103-124.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2007) – Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na Fachada Atlântica Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras: Câmara Municipal, p.119-134

SENNA-MARTINEZ *et. al* (2004) – *Resumo do Projecto METABRONZE (Metalurgia e Sociedade no Bronze Final do Centro de Portugal)*, POCI/HAR/58678/2004, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. *Cadernos «Terras Quentes»*, 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, p.32-58

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatas” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental, *Cadernos «Terras Quentes»*, 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81

SENNA-MARTINEZ, J.C. *et alii*. (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3, pp.61-85

SENNA-MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. (2007) – Bronze Melting and Symbolic of Power: the Foundry Area of Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). *Proceedings of the 2nd International Conference ‘Archaeometallurgy in Europe’*, Aquileia.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um Sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6(08). *Cadernos Terras Quentes*, 6, p. 69-80.

SÉRONIE-VIVIEN, M. R. (1982) – *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*.
Siège Social: Hôtel des Sociétés Savants, Bordeaux.

VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres / Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Projecto de investigação: *Estudo das cerâmicas provenientes da sondagem 3 do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*
Débora Bettencourt

6. Tabela de Execução Financeira

Bibliografia (incluindo as fotocópias)	€ 296,00
Materiais de desenho e de tintagem	€ 102,80
Deslocações, refeições e outras despesas	€ 95,15
“Curso de Fotografia Arqueológica – Espólio”	€ 45,00
Total	€ 538,95